

**T@H @FIM DE TC?
HIBRIDISMO E MULTIMODALIDADE DISCURSIVA
NA NOTAÇÃO ESCRITA DO MSN-MESSENGER**

Eveline Cardoso (UFF)
evelinecard@oi.com.br

INTRODUÇÃO

Sabemos que os efeitos das mudanças tecnológicas alcançaram as inúmeras possibilidades de uso da linguagem e da língua. Segundo Roger Chartier (2002), a revolução do texto eletrônico é uma transformação profunda nas relações com a cultura escrita, pois atinge a produção dos textos, o suporte do escrito e as próprias práticas de leitura. A partir da mudança nessas relações surgem os gêneros digitais: *e-mail*, *blog*, *chats*, entre outros.

Além de se constituir em gêneros que, com o tempo, tornam-se mais ou menos institucionais, a mídia eletrônica, por promover a conjugação de material visual, sonoro e escrito ao mesmo tempo, traz à tona a discussão em torno da *multimodalidade discursiva*, característica cada vez mais recorrente de gêneros textuais orais e escritos que se nutrem da harmonia entre palavra e imagem (Dionísio, 2006).

Por outro lado, considerando que o *chat* é um gênero transmutado de uma situação de diálogo oral (Araújo, 2005), e por isso, híbrido entre oralidade e escrita, o objetivo do presente trabalho é observar características da escrita produzida nos ambientes de bate-papo virtual do *MSN-Messenger*, considerando a intersemiose escrita-imagem-som que o caracteriza.

UMA “FALA POR ESCRITO”...

Há que se considerar dois aspectos importantes sobre a natureza da comunicação em mídia eletrônica: o primeiro é o que proporciona a integração de várias semioses – texto, imagem e som –, o que vem sendo chamado por alguns estudiosos multimodalidade (Cf. Dionísio, 2006); e também o que privilegia uma escrita peculiar, se-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mialfabética, traduzida por uma pontuação mínima, ortografia “bizarra”, abundância de siglas e abreviaturas, oralidade e construções frasais pouco ortodoxas.

A escrita extremamente abreviada, oralizada e cheia de recursos icônicos e sonoros não é um mero estilo criado pelo internauta: corresponde ao ambiente discursivo eletrônico em que esses textos são produzidos, no qual prevalece a rapidez em atender às necessidades imediatas de uma relação semelhante a que se estabelece no diálogo cotidiano. Consoante os pressupostos bakhtinianos, essa motivação é precisamente o que torna o *chat* um gênero secundário, oriundo da transmutação de um gênero anterior baseado na oralidade (Araújo, 2005).

Embora extremamente dinâmico e interativo, o ambiente virtual é movido pelo texto escrito, e nesse sentido, não pode ignorar a existência de convenções. Por outro lado, como observou Chartier (2002), é natural que novas formas deem margem a novos sentidos, i.é, assim como o códex, em substituição ao pergaminho, possibilitou uma nova relação entre a obra, o objeto, o escritor e o leitor, também o texto eletrônico reinaugura esse ciclo, inclusive em sua relação com a própria escrita e também com a própria fala.

Já observamos que a rapidez e a economia determinam o uso da língua escrita no contexto virtual, produzindo um código que provoca a ortografia. Invenção tardia no português, a necessidade de se criar uma unificação da língua escrita é proveniente da escolaridade obrigatória e da proliferação dos meios de comunicação em massa, de modo que

A ortografia funciona [...] como um recurso capaz de “cristalizar” na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, o lê em voz alta. (Morais, 2006, p. 3)

Sendo algo arbitrário, não há entre as correspondências letradas de uma língua uma obrigatoriedade natural. É o que verificamos, por exemplo, no uso dos grafemas “ch” e “x”, ambos correspondentes a um mesmo fonema, os quais, na primeira metade do século passado, figuravam em palavras como “archipélago” e “architecture” com outro valor fonêmico. Entretanto, existem regula-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ridades e irregularidades nas normas ortográficas que permitem mapear as possibilidades de variação ortográfica, e é sobre essas possibilidades que algumas variações dos internautas podem recair, como é o caso das ocorrências do fonema/s/, que pode realizar-se por meio das letras correspondentes s (sapato), c (cenoura), ss (massa), sc (piscina), ç (criança), x (próximo) ou xc (exceção).

Ignoradas as regras ortográficas convencionais, o internetês segue outros princípios, apresentados por Thurlow & Brown (2003) como três máximas:

1. Máxima dupla da brevidade e velocidade
 - (a) abreviação de itens lexicais
 - (b) uso mínimo de letras maiúsculas e sinais de pontuação
2. Reestruturação paralingüística
 - homofonia letras e números
 - recuperação de vogais elididas
 - Aproximação fonológica (*Apud* Freitag & Fonseca e Silva, 2006, p. 3)

Nas interações dos bate-papos virtuais, cada forma é escrita de maneira o mais econômica e referencial possível, deixando de valer tanto pelos segmentos que a compõem (e com que se torna viável a pronúncia), e mais pela criatividade e eficácia em remeter imediatamente a outra forma conhecida da língua. Por exemplo: a forma 9da10 (que equivale a “novidades”) economiza cinco caracteres em relação à palavra usual, recorrendo à homofonia dos numerais, independentemente das alterações fonéticas que a pronúncia literal acarretaria no acento tônico. No caso, a vogal tônica [o] da forma primitiva novo, e a postônica final [e] do prefixo –dade (médias-altas) tornar-se-iam médias baixas, uma vez substituídas pelas correspondentes tônicas das formas nove e dez.

Adequações fonéticas como essa não importam para o interlocutor da mensagem virtual, uma vez que as formas modificadas não serão pronunciadas, pelo menos não ali naquela interação. Nesse sentido, Marcuschi (2005) alerta que não se trata de uma “fala por escrito”, mas de um registro híbrido. A fala funcionaria como molde

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

da escrita ainda na concepção de Marcuschi, ou podemos pensá-la como elemento referencial para a escrita.

Na verdade, embora desbanque de vez o pressuposto de que fala e escrita seriam representações linguísticas nítida e completamente diferentes entre si, essa mistura possibilitada pelos *chats* continua intrigando os pesquisadores. Marcuschi apud Santos (2007) situa o registro escrito dos *chats* no “entrecruzamento entre fala e escrita”, e Santos, baseada nessa afirmação, aponta a necessidade de se relativizar a própria noção de continuum já sistematizada pelo autor para o tratamento desse gênero, lançando mão do conceito de imbricação do próprio Marcuschi para uma análise mais coerente:

[...] Como negar que a IOL *imbrica características da fala e da escrita*, sendo escrita com condição de fala? Ora, se as condições de produção do gênero *chat* misturam as modalidades fala/escrita, o texto que se lê numa interação *on-line é escrito “falado”*. [...] É texto falado por escrito, sendo necessário localizar este novo gênero no “entrecruzamento entre fala e escrita” (Marcuschi, 1999), daí a necessidade também de se [...] assumir a noção de *imbricação*, ou seja, *IOL não é escrita nem fala, mas a mescla dos dois*. (Santos, 2007, p. 157-8)

A autora refere-se ao *chat* ao longo de sua análise como “conversação por escrito”, e termina por dizer que, mais importante do que situar o gênero entre fala e escrita, é explorar a maneira como permite sua mistura, proporcionando novas relações com ambas as modalidades.

Como apontamos, nos *chats*, as palavras cifradas valem por uma carga “referencial”, que remete às formas originais durante a leitura. O interessante é deixar-se levar pela imaginação para “teclar” com o maior número possível de pessoas (quando é o caso), desafiando a capacidade inventiva e a habilidade dos dedos para gerar a mesma dinâmica que rege a conversa face a face através dessas cifras.

Por outro lado, não é possível violar regras sem conhecê-las. Apesar de não haver uma regularidade no sentido de uma única forma “internáutica” para uma palavra do uso comum (‘beijo(s)’, por exemplo, pode ser bj, bjo, bejo, bjs, bjux etc), o domínio do sistema linguístico e de suas regras está subjacente às inovações, restringindo construções como a abreviação bjo para “beijo”, por exemplo. Na verdade, no caso dos *chats*, não se pode esquecer que a motivação principal da escrita é, além da rapidez, a reprodução de um registro

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

próximo do falado, e nesse sentido as variações fonéticas da língua, bem como suas relações com a fonologia, podem auxiliar a explicação sobre as alterações da grafia original na Internet.

MÚLTIPLAS SEMIOSES EM JOGO

Além do hibridismo entre oralidade e escrita, um outro aspecto do registro dos *chats*, que, aliás, é inerente à linguagem da Internet de modo geral, é a conjugação de múltiplas linguagens ou multimodalidade discursiva. O termo é empregado por Dionísio (2006) para designar a crescente aproximação entre imagem e palavra de que fazem uso os textos escritos atuais, a qual vem sendo ainda mais ampliada pelo advento das novas tecnologias. Segundo a autora, essa conjugação, mais do que representar ou divulgar informação, revela nossas relações com a sociedade e com o que ela representa para nós (p. 131).

Relembrando as pinturas rupestres, as pictogravuras egípcias e chinesas e as pinturas nas catedrais europeias da Idade Média, Dionísio chama atenção para a importância das imagens nas práticas de leitura mais antigas, e destaca a necessidade de inclusão da multimodalidade ao conceito de letramento, termo cunhado basicamente para definir os sujeitos que dominam e fazem uso da linguagem escrita. É nesse sentido que a autora concebe o letramento como um fenômeno plural e saliente que, com o desenvolvimento tecnológico, a imagem não se sobrepõe à palavra no texto ou vice-versa: ambas se harmonizam visualmente, de modo que a ausência de um desses aspectos – o pictórico ou o verbal –, gera uma incompletude semântica que afeta o sentido global do texto (Dionísio, 2006).

Para Dionísio, a multimodalidade dos gêneros textuais depende diretamente da audiência ou meio físico em que se transmite o gênero. Dessa forma, também os textos escritos podem apresentar informações visuais, que se enquadram num contínuo no sentido de serem mais ou menos informativas ou mais ou menos padronizadas. A autora analisa, como exemplos, um poema concreto, um artigo científico para crianças e um infográfico (gráfico que utiliza recursos visuais atrelados a textos curtos), ressaltando que a multimodalidade liberta a manipulação dos gêneros e facilita a interação do leitor com

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

eles. Braga (2005) concorda com Dionísio, destacando que a multimodalidade amplia as possibilidades de construção de sentido de um texto, e explica como:

[...] os diferentes tipos de significados veiculados por cada modalidade individual se integram e se complementam de forma a auxiliar a interpretação geral ou de segmentos particulares do texto. Os diferentes arranjos entre as diferentes categorias de significados veiculados pelas diferentes modalidades não podem ser controlados e totalmente previstos pelo autor, o que explica a multiplicidade de leituras possíveis para os textos multimodais. (p. 149)

Considerando o computador como um suporte potencializador da multimodalidade, graças à disponibilidade de inúmeros programas e dispositivos hipermídia, parece óbvio afirmar que os textos eletrônicos já são concebidos nessa intersemiose. Além de serem de natureza hipertextual, isto é, construírem-se por uma rede de conexões que podem ser empreendidas à vontade do leitor, os textos eletrônicos podem ainda incorporar unidades de informação de naturezas diversas, o que, segundo Braga, ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros multimodais tradicionais. Por essa razão, a autora chama os textos eletrônicos de hipermodais, procurando contemplar melhor a complexidade da conjugação entre hipertexto e multimodalidade discursiva.

Tendo observado, então, o duplo hibridismo que caracteriza os *chats* – porque se nutrem de elementos da oralidade e da escrita ao mesmo tempo em que se constroem de múltiplas semioses –, vejamos como esses aspectos podem ser observados na análise dos registros de bate-papos virtuais do *MSN-Messenger*.

HIBRIDISMO E MULTIMODALIDADE NO MSN-MESSENGER

Antes de mostrar de que maneira a multimodalidade e o hibridismo foram observados nos registros do *MSN-Messenger*, cabem algumas breves considerações sobre sua estrutura enquanto gênero digital. O *MSN-Messenger* é um programa de mensagens instantâneas em tempo real criado pela Mycrosoft e um dos softwares do tipo mais utilizados atualmente. Trata-se de um programa de conversas on-line agendado: os usuários realizam as conversas quando estão on-line e só interagem com amigos ou conhecidos que tenham

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

adicionado à sua lista de contatos e que também estejam conectados. É um tipo de interação particular, diferente das salas abertas, em que todos os usuários têm acesso às mensagens enviadas por todos (Cf. Marcuschi, 2005, p. 42-51).

A multimodalidade discursiva e o hibridismo entre oralidade e escrita são duas tendências inter-relacionadas e complementares dos *chats*, e são produto da situação de comunicação como um todo, sendo considerados o ambiente, o suporte, os interlocutores, seus interesses pessoais e objetivos.

Situando-se o bate-papo virtual num contexto em que predomina a tentativa de se aproximar do registro oral, não é difícil concluir que encontramos diversos usos de palavras reduzidas no *corpus* que também o são na oralidade. Dessa forma, tendo compreendido a natureza híbrida dos *chats*, ao contrário do que tem sido dito no senso comum, podemos dizer que misturar características da fala com a escrita é uma tendência completamente coerente e adequada ao gênero, de modo que, estranho seria se fosse diferente.

Em pesquisa anteriormente desenvolvida¹⁴, concluímos que as marcas da oralidade que se mesclam na escrita dos *chatters* se resumem a reduções das palavras que já se realizam em situação oral propriamente dita, interjeições, marcadores conversacionais e outras marcas típicas, como preferência por certas construções linguísticas em lugar de outras mais aceitas pela Gramática Tradicional. Um exemplo pode iluminar a tentativa desses usuários de reproduzir manifestações da oralidade na escrita¹⁵:

¹⁴ A pesquisa a que me refiro é a monografia final do curso de Especialização em Língua Portuguesa, defendida em dezembro de 2009 junto à Secretaria de Pós-Graduação da UERJ/FFP, cujo título é "*T@ @fim de tc?: aspectos do código linguístico utilizado na interação dos bate-papos virtuais*", sob orientação da Prof^a Dra. Victoria Wilson.

¹⁵ As seqüências conversacionais que servem à nossa análise foram gentilmente cedidas por seus produtores, que são jovens com idade entre 18 e 26 anos, residentes no estado do Rio de Janeiro, e cursam ou já concluíram o nível superior de ensino à época (exceto o usuário Layon ~). Os registros foram produzidos em dias e horários diversos, e têm temáticas diferentes que dizem respeito ao cotidiano dos seus autores. Omitimos sobrenomes, endereços de e-mail ou outras informações que pudessem identificar os interlocutores.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- (21:03) BELA**:
- (21:04) ★★ TAILING ★★ : *vc ma acha lá*
krak pode ser 7:25 na escada do doce?
- (21:04) BELA**:
- (21:04) BELA**:
- (21:04) ★★ TAILING ★★ : *ou eu i na praça ou no 3andar*
naum 7:25 tô no trem
- (21:04) ★★ TAILING ★★ : 
- (21:04) ★★ TAILING ★★ : *7:30 entaum....*
- (21:04) BELA**:
- (21:04) BELA**:
- sei naum pow*
ai caraca

No excerto observamos o uso das expressões “caraca” e “pow”, tipos de interjeição que aparecem na fala de ambas as interlocutoras; há a alteração do verbo “estar” no presente – estou – que, reproduzindo a realização oral informal, se configura como “tô”; também a construção “sei não”, sem a dupla negação, que segue a mesma tendência; e ainda as grafias *naum* e *entaum* que, nem por não reduzirem as formas, mas aumentarem a quantidade de segmentos, deixam de atender aos propósitos de oralizar e inovar da interação. Cabe destacar a presença do *emotion* que representa a onomatopéia para uma gargalhada “KKKKKKKK”, que se movimenta no texto o tempo todo durante a interação, fazendo referência ao próprio movimento do corpo quando rimos.

Entre esses usos mais aproximados da oralidade no *corpus*, encontramos os que tendem a alterar formas reduzindo-as, como parte das desinências número-pessoais de plural e a desinência do infinitivo, a aférese típica do verbo “estar” que já citamos, a síncope bastante comum da vogal *a* na preposição “para”, formando “pra”, e as reduções de “Não é?” e “Que é de...?”, que estendem o processo de redução a toda uma sentença e não apenas a um vocábulo: “né”, “cadê”.

Também se configuram como marca de oralidade presente nos *chats* exemplos de gírias, comuns no vocabulário da faixa etária de jovens que costumam utilizar mais esse dispositivo virtual para

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

conversar. É o caso da ocorrência da expressão “pacas”, cujo significado diz respeito a muita quantidade, excesso de algo:

(22:41) Alba: **mas é para todos os aniversariantes de junho... é gente pacas**

Reconhecendo a necessidade de não estender muito a análise em virtude do espaço disponível, destacamos, entre as expressões típicas do uso coloquial, a regência do verbo “ir” com a preposição “em”:

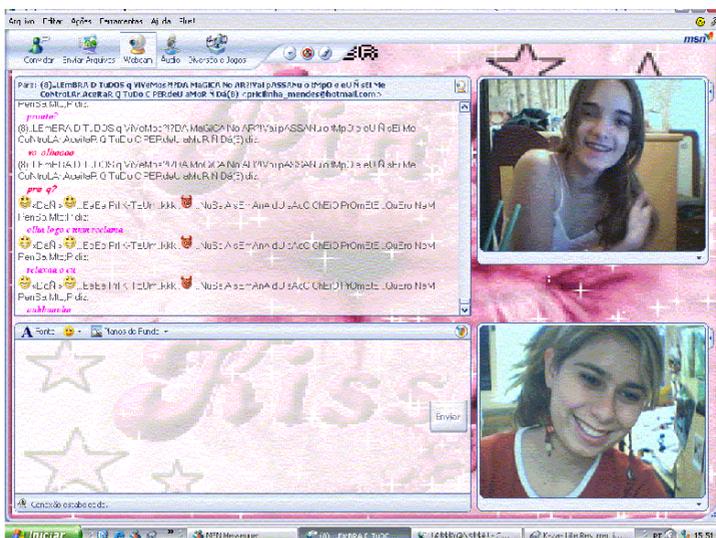
(22:58) Alba: **ah... fui no show da vanessa da mata semana passada**

e a preferência pela formação do Futuro do Presente com o auxiliar “ir” em detrimento da desinência típica da forma simples:

(17:15) Layon ~: **mais assim vai ser melhor**

Analisando agora a harmonia entre palavra, imagem e som, percebemos que permeia todo o ambiente em que se desenvolve a conversação – a janela –, desde os vários ícones que indicam funções e comandos específicos disponíveis ao usuário durante a conversação, até a própria imagem de exibição dos interlocutores, que por vezes é feita em tempo real por meio de uma *webcam*, como mostra a imagem a seguir ¹⁶:

¹⁶ Imagem disponível em: <http://primendes2.blog.uol.com.br/images/msn.gif> (11-12-2008)



Cabe ressaltar que, entre as potencialidades do suporte que favorecem a multimodalidade, o usuário do *MSN-Messenger* tem a sua disposição, ainda, a possibilidade de compartilhamento de arquivos de sons ou imagens que também podem se tornar integrantes da conversa. Paralelamente, há os alertas de mensagens recebidas, que são emitidos por meio de um som específico seguido da marcação da aba da janela que recebeu a nova mensagem com uma cor de destaque que pisca, como podemos observar na parte inferior da imagem exibida anteriormente.

A mistura de várias semioses se dá também, e especialmente, pela utilização constante de inúmeros *emotions* ou *emoticons* – pequenas imagens animadas usadas para expressar sentimentos, chamar atenção ou mostrar criatividade¹⁷ – que contribuem para acentuar os laços deste gênero digital com o diálogo cotidiano.

Os *emotions* [...] viriam retomar essas entonações, pertinentes aos diálogos de que trata Bakhtin, em especial nas relações efetivas de oralidade. [...] Os *smileys* [sic] e *emotions*, então, ampliam, assim como a en-

¹⁷ O termo tem origem no inglês *emotion + icons* ou ícones de emoção. “São combinações de caracteres do teclado do computador que os participantes de *chat* utilizam para expressarem emoções durante a conversação”. (Araújo, 2007, p. 99)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

tonação, o sentido particular de uma determinada palavra ou expressão no todo do enunciado, só estabelecido através do diálogo. (Siqueira Filho & Bortoleto: [s.d.], p. 5)

Lucia Santaella afirma à *Revista Língua Portuguesa* (2006) que os *emotions* seriam um novo código criado pela mistura de códigos da linguagem dos internautas (p.27). São imagens criadas a partir de sinais gráficos como: :) (sorrindo), :((triste), :-* (beijo), ;) (pisando), :P (mostrando a língua) etc. Há outros animados e sonoros, e é possível que os usuários até criem seus próprios *emotions* utilizando ferramentas de alguns programas de mensagens. Santos (2007) aponta que esses recursos “intensificam a expressão escrita, marcando suas emoções, dando a ela um alto grau de informalidade” (p. 162), e, podemos concluir, se apresentam como mais uma forma de se distanciar do mundo convencional dos adultos e da escrita com toda sua normatização. Alguns exemplos:

22:57) **tinha:** *Tatiana desaparec* 


(22:57) **tinha**
(22:57) **tinha e aí alguma novidade**
(22:58) **Alba: nenhuma**
(22:58) **Alba: e vc?**


(22:58) **tinha: tb**

(22:44) **tinha** guarda **MEU** pedaço de bolo
(22:44) **tinha:** tati]

(22:44) **tinha**    **vim qd**

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Observamos nos exemplos citados que os usuários se utilizam dos *emotions* para expressar gestos como a negação, gargalhadas, ou o próprio ato de “ir” por meio do personagem Pernalonga em movimento. Há também formas imagéticas para as palavras bastante comuns nos bate-papos “eu”, “meu” e “você”, esta última seguindo a tendência abreviada do internetês. E finalmente vale destacar a animação do ponto de interrogação, que é um tipo de registro gráfico geralmente suprimido pelos interlocutores deste gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como procuramos mostrar ao longo dessa breve discussão, as tecnologias digitais e a Internet favoreceram o encontro e o entrecruzamento de múltiplas linguagens e das modalidades oral e escrita da língua, que se adaptaram, e vêm se adaptando, a novas estruturas de gênero emergentes da interação na Cybercultura. Observamos como essas tendências de mesclagem se mostram no registro de um tipo de bate-papo virtual – o *MSN-Messenger*, que é um dos dispositivos preferidos das crianças, jovens e adultos de hoje.

Tendo em vista que boa parte do que ocorre na ortografia dos *chats* é tendência dos usos orais cotidianos entre falantes, essa grafia reduzida criada pelos internautas vem dividindo opiniões e levantando um preconceito que parece estar enraizado na antiga crença de que a escrita é uma modalidade superior e modelo para a fala. Esperamos ter contribuído para que o conhecimento da natureza híbrida e da estrutura do gênero digital em questão traga uma luz para essas críticas negativas, partindo do princípio de que a ortografia do internetês atende às exigências da situação de comunicação, tendo por máximas a brevidade e velocidade típicas da fala para ajustar-se à mediação dos teclados na conversa.

Como todo gênero textual, também os gêneros digitais atendem a necessidades que já existiam anteriormente, como enviar uma mensagem, fazer uma pesquisa, lançar informações num formulário, conversar etc. O que mudou foi o percurso tecnológico para realizar essas ações, que acabou modificando o perfil dos usuários e exigindo uma série de outras competências que, já se sabe, fazem parte do que contemporaneamente vem se entendendo por letramento. Dessa for-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ma, se acentua a importância de compreender em sua natureza as práticas linguísticas de quem t@h @fim d tecl@r.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na web. O estudo da transmutação de um gênero textual. **In:** MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 91-109.

———. Nicks & emotions no chat aberto: uma análise da ressignificação da escrita. **In:** CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 38-61.

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. **In:** MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.144-162.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Morotto. São Paulo: UNESP, 2002.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. **In:** KARWOSKI, Acir Mário et al. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p.131-144.

FREITAG, Raquel Meister Ko; FONSECA E SILVA, Marineide. Uma análise sociolinguística da língua utilizada na Internet: implicações para o ensino de língua portuguesa. *Intercâmbio*, São Paulo, vol. XXV, 8p. 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/freitag_fonseca_%20e_silva.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. **In:** —. & XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática, 1998.

MARCONATO, Silvia. A revolução do internetês. **In:** *Língua Portuguesa*. São Paulo, Ano 1, n. 5, p.22-29, 2006.

SANTOS, Else Martins dos. Chat: E agora? Novas regras – nova escrita. **In:** COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (orgs.). *Letramento Digital*. Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte; Ceale: Autêntica, 2007, p. 151-183.

SIQUEIRA FILHO, Valdemar; BORTOLETO, Maíra. *A interação na internet: O gênero discursivo na rede mundial de computadores e suas implicações na relação entre indivíduo e aprendizagem*. *Intermídias* Publicação digital, ano 2, nºs 5 e 6. 13p. Quadrimestral, [s.d.]. Disponível em:
http://www.intermidias.com/miolo/comunicacao_home_edu.htm
Acesso em: 01 jul.2007